

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTO TERRITORIAL NA ESCOLA TENGATUÍ MARANGATÚ, ALDEIA JAGUAPIRÚ, DOURADOS-MS.**

Noemi Francisco  
[noemykali@yahoo.com.br](mailto:noemykali@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Refletindo sobre as práticas pedagógicas, observei dentro da comunidade escolar, a ausência do diálogo dos alunos das séries iniciais com as culturas étnicas, e um desconhecimento de alguns com sua própria produção cultural. Nesta inquietação, os alunos Terena, Guarani Nhandewa e Kaiowá, foram levados a observar as cerâmicas e redes que estavam sendo produzidas em um projeto de revitalização das culturas locais por mestres tradicionais de outras comunidades. Percebi nos alunos, que ao terem esse contato, foram estimulados a compreender o que é deles, pois os trabalhos observados, não são vivenciados no seu cotidiano. Na sala de aula, discutimos o que vimos, depois representamos no papel através de desenho, dialogando sobre os costumes do guarani, nhandewa e terena. Observei que a produção cultural da comunidade deve ser estimulada dentro das escolas indígenas, porém preocupo-me, com a remuneração destes mestres tradicionais, detentores do conhecimento, que não possuem formação específica para atuarem na educação das escolas indígenas. O que torna o trabalho de sustentabilidade dos saberes locais inviáveis, diante dos impasses em que se fundamentam a escola da aldeia, pois a autonomia destas populações depende dos conhecimentos orais dos mais velhos.

**Palavras-chave:** Prática, território, arte, cultura e interculturalidade

A etnia Terena se constitui a maior nação indígena de Mato Grosso do Sul – MS, cerca de 20 mil indivíduos, com ocupação fragmentada em diversas regiões. Alguns habitam em aldeias ou reservas criadas pelo Governo e muitos vivem nas periferias das cidades.

De índole pacífica pertencentes ao tronco lingüístico Aruak.

Os Terenas são conhecidos pela habilidade na agricultura e no artesanato.

Cultivam em suas terras arroz, feijão, feijão de corda maxixe, mandioca e milho, alimentos que formam a base de sua alimentação.

A alternativa atual do Terena como meio de subsistência, se dá por meio da cerâmica, da palha e da tecelagem, atividades que representam um nítido de revitalização de sua arte ancestral indígena.

Atualmente o território Indígena Francisco Horta Barbosa no município de Dourados-MS compõe-se em maior número com as etnias Guarani-Nhandeva, Guarani-Kaiowá e Terena. Aproximadamente a população estima-se em cerca de 15 mil índios. Grupos estes que estão em busca do diálogo, nas práticas culturais e organizações sociais, devido os contextos históricos de agrupamento após os aldeamentos.

A escola Tengatuí Marangatu localizada na reserva indígena da aldeia Jaguapirú foi fundada no ano de 1992 com dez salas de aula. Atende atualmente 1129 alunos das etnias kaiowa, guarani e Terena da educação infantil e do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental.

A Reserva indígena possui duas aldeias; bororó e Jaguapiru. As línguas predominantes são Guarani/kaiowa e alguns Terenas ainda falam sua língua étnica e uma parcela da comunidade que não falam mais a língua indígena.

O grupo Terena cultivam suas terras e fazem seus artesanatos.

No PPP(Projeto Político Pedagógico)da escola é representada como um espaço de diálogo onde é concebida a educação e a socialização dos saberes dos mestres tradicionais de cada grupo étnico.

A escola portanto, embora tivesse em seu projeto o objetivo de incorporar os índios a sociedade nacional, nunca foi vista por este excluir o trabalho da aldeia, como trabalho nas roças e produção de artefatos.

Observei que grande parte dos alunos das séries iniciais desconheciam a produção cultural Terena. Produção esta desconhecida para mim que até então só conhecia a cerâmica e rede terena pronta e não o seu processo de produção, devido a distância dos grupos e territórios produtores.

Um dos objetivos específicos da escola fez refletir:

-Uma educação que valorize a cultura, fortalecendo a identidade e desenvolvimento em busca da autonomia;

- Valorizar as características étnicas, fortalecendo a identidade de cada grupo, respeitando a pluralidade cultural;

Diante dessa reflexão abordei uma metodologia de trabalho diferenciado dos eixos que segue;

Pluralidade cultural: “trata-se da diversidade de cultura que existem em todos os lugares e em diferentes grupos humanos. A grande diversidade das sociedades indígenas no mundo é um exemplo de pluralidade cultural.”. Os conhecimentos da própria realidade devem ser estudados sempre comparativamente com de outras culturas de diferentes etnias;...RCNEI – pág. 103.

Auto-Sustentação: “A consequência por falta de terra para os povos indígenas da Reserva Indígenas de Dourados, influência de outras culturas, espaço de moradia, violência são fatores que afetam para que a comunidade não possui uma auto-sustentação própria”.(Projeto da Unidade 1º - 2008). “Para as comunidades indígenas, as principais questões que envolvem a auto-sustentação são a sua terra e a valorização de sua cultura”. RCNEI – 97.

O educador indígena ao desenvolver seu trabalho nas escolas indígenas obviamente é preciso tomar decisões que exige ações de planejamento, registro e avaliação. Essas decisões acabam determinando o currículo, ou seja, organiza e posiciona um direcionamento a escola indígena.

É preciso nortear-se, segundo KRAMER (2001), “currículo é palavra polissêmica, carregada de sentido construídos em tempos e espaços distintos. Sua evolução não obedece a uma ordem cronológica mas se deve as contradições de um momento históricas, assumindo, portanto, vários significados ao mesmo tempo”.

Vejo que o ensino da arte nas escolas indígenas oportuniza essa mediação do fazer e da construção.

A arte está relacionada com vida social de cada indivíduo de povos na forma de expressar idéias, sentimentos, visão de mundo, gosto, valores conforme a sua cultura que é transmitida por intermédio dos objetos, das danças, expressão corporal “pinturas”, cantos, mitos, músicas e sua forma de organização social. A arte teve e tem um papel muito importante na essência do mundo, pois antes da escrita os conhecimentos eram demonstrados através da simbologia. (RCNEI)

Pra trabalhar a Arte na escola indígena Tengatui Marangatú é preciso conhecer que ela representa cultura de diferentes povos e está continuamente ligada com três culturas diferentes, isto é vivenciando com artes múltiplas.

A aula de Artes veio atentar para essa diversidade e revigorar suas manifestações esquecidas pela comunidade.

O aluno deve conhecer a sua origem, isto é, fortalecer a cultura da etnia que pertence, conhecer a arte que seu povo produz e reproduz levando sempre em consideração a construção contínua da cultura de cada povo e conhecer a arte de outro povo.

Diante dessa reflexão levei meus alunos da series iniciais para observar a produção de cerâmica Terena e rede Terena na casa do senhor Guilherme.

Produção esta apresentada através de um projeto que surgiu da reivindicação da comunidade Terena que queria conhecer a produção de suas práticas. O interesse desse grupo em obter conhecimentos novos pela sua cultura, é imediatamente incorporados e aproveitados como sustento de sua família.

Assim os mestres tradicionais apresentaram a produção destes elementos significativos.

Percebi que os olhares das crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de 2008, causavam um estranhamento.

O processo da produção da cerâmica terena apresentado neste projeto, começa na queima da argila, até ela ficar resistente.

Depois de queimada, a argila é posta num recipiente, mais conhecido como pilão para ser triturado com pedaço de madeira.

Logo depois a argila é retirada do pilar e então é feita a peneiração.

Mistura-se a argila peneirada e argila úmida para fazer a liga dando forma o utensílio desejado, sempre colocando novos rolos de argila sobre o primeiro.

Calca-se com os dedos por dentro e por fora nas camadas sobrepostas. Para alisar o objeto, molham-se os dedos na água, depois a peça é exposta na sombra para secagem, se o objeto estiver inacabado, embrulha-se em um plástico para fazer o acabamento final no outro dia, assim evita que seque.

Depois de pronta e endurecida, logo é feitas a pigmentação com a argila vermelha úmida e é exposta novamente a secagem a sombra. A pigmentação é feita três vezes para segurar a cor.

As peças foram alisadas com a pedra polida para terem o brilho natural, logo é feitos os desenhos com a argila branca que deixam as peças mais delicadas e por ultimo no processo foi feita a queima desses objetos, que os alunos não acompanharam devido o horário da queima ser á noite.

Neste mesmo espaço estava sendo produzida para a observação da comunidade a rede terena.

Diante desta vivencia percebi a importância da língua materna nestes processos próprios de aprendizagem.

Grande parte dos alunos terena que vivenciaram este experiência não eram falantes de língua materna.

Os Terenas são considerados, via de regra, como um dos grupos mais “aculturados” do país. Na bibliografia e referências a respeito dos Terenas é comum a citação de eles não serem mais falantes da língua Terena (Ladeira, 1997).

Os mestres tradicionais da cerâmica e rede terena, oriundas da aldeia cachoeirinha do município de Miranda explicavam os ensinamentos na língua materna, que eram repassados para mim que traduzia para os alunos em português, eles achavam que eu estava falando em inglês com elas.

È neste contexto que emerge a concepção segundo a qual “a língua indígena continua sendo um sistema de conhecimento e categorização cultural do mundo, onde a transmissão de conhecimentos, isto é, a relação única do indivíduo com seu mundo cultural só é possível através da língua do grupo” (Ladeira, 2001;170)

Na semana seguinte na sala de aula, houve o debate entre os alunos sobre o que observaram e eles representaram através de desenhos a vivência.

Percebi a importância do aprendizado na língua materna, pois existem comunicações que só são passadas na língua, como por exemplo o ensinamento sobre o período menstrual e a produção da cerâmica.

Tive dificuldade em explicar a técnica na língua portuguesa pois existem sentidos das palavras na língua materna que são intransponíveis na língua portuguesa.

Espera-se que os alunos ao constatar diante desta aula inscrevam na continuidade dessas práticas sociais onde suas representações sejam recriadas cotidianamente, ou seja como marcadores identitários dentro de sua comunidade.

Acredita-se a escola indígena começa a ser vista como espaço para aprofundamento de pesquisa sobre etnoconhecimento entre professores e alunos indígenas em seu contexto local e intercâmbio entre a prática e teoria.

Segundo ATONELLA; “é nesse sentido que considero muito adequado definir as escolas indígenas como espaço de fronteiras, entendidos como espaços de trânsito, articulação e troca de conhecimentos, assim como espaço de incompreensões e de redefinições identitárias dos grupos envolvidos nesse processo, índios e não-índios.